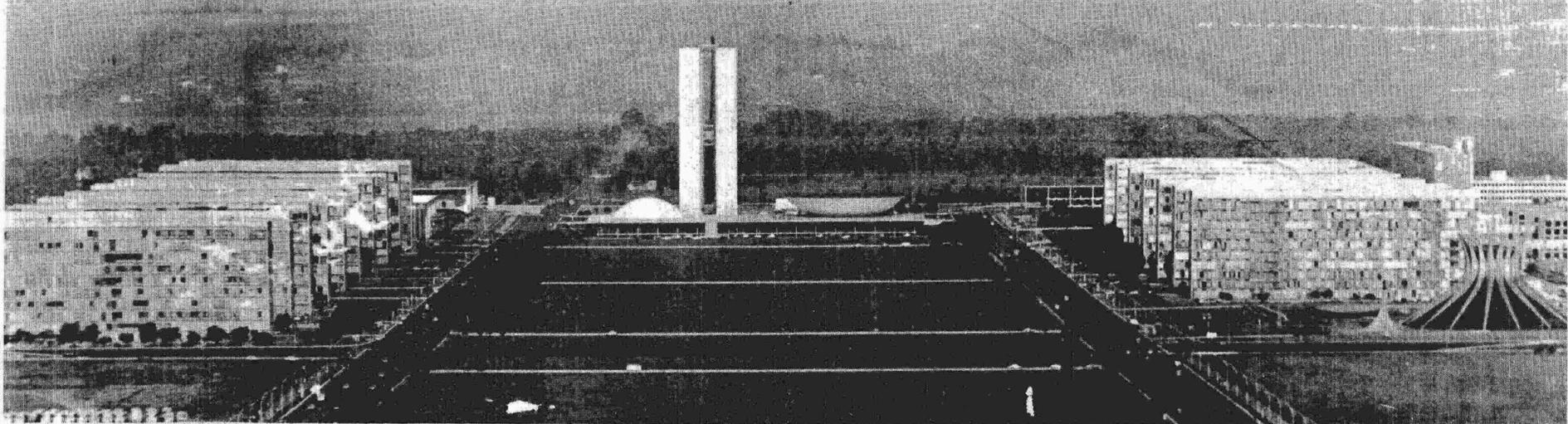


Givaldo Barbosa



Três Poderes, no final da Esplanada, não é, para Frederico Holanda, uma praça. "Lá não há espaço para o convívio cotidiano", diz ele. "Só para o cerimonial e o excepcional"

BRASÍLIA

Uma nova forma de vida? Instrumento do Poder? Patrimônio da Humanidade?

Depois de muitos questionamentos em torno de Brasília, definida como uma cidade autoritária, o poeta Nicolas Behr se levanta e faz uma pergunta/sugestão:

Por que não transferir a capital para outro lugar? Está provado que o poder e Brasília não se combinam. Delfim é visto como um intruso, o poder se configura como um câncer. Enquanto isso, surgem movimentos nativistas na cidade. Por isso, proponho a transferência da capital para outro ponto do país.

Todos os presentes ao seminário Brasília: uma nova forma de vida? Instrumento do Poder? Patrimônio da Humanidade?, realizado esta semana, na UnB, se descontrairam e riram um riso solto.

Pergunta/sugestão ingênua? Nem tanto assim.

A resposta à colocação de Nicolas foi dada por Gunter Kohlsdorf, arquiteto e professor da UnB, que estava na mesa de debates, ao lado de Frederico Holanda e Carlos Coutinho, ambos arquitetos, e do estudante Cláudio Acioly.

Transferir a capital para onde? Não acredito na volta ao Rio de Janeiro, nem numa capital na costa, nem em um ponto mais ao interior do país. Acho que a questão é mais complexa.

Coutinho, por sua vez, lembrou a história de um indivíduo que estava cheio de problemas e, na busca de solução, resolveu mudar de cidade. A mudança, acreditava o indivíduo, acabaria com suas mazelas. E óbvio que esta não é a solução. Não acredito no desenvolvimento de novas formas de vida numa cidade de um país onde a vida permanece velha.

E, aproveitando o embalo, um debatedor perguntou a Carlos Coutinho: como explicar a opção do regime militar implantado em 64 por Brasília? Por que os governos militares investiram na consolidação da cidade? E além de tudo, com a convivência e ajuda de Oscar Niemeyer?

A história da consolidação de Brasília não é tão linear assim. Depois de JK, veio Jânio Quadros, que suspendeu a construção da cidade. Viveu-se fase de total desconcerto. Com a implantação do regime militar, Castello Branco investiu na consolidação da cidade porque, naquela altura, não dava para voltar atrás. O capital investido era imenso, e havia um compromisso internacional de concluir a cidade, que despertou atenções no mundo inteiro. Não se pode negar que os militares sonhavam com uma cidade centralizadora, moralista, e buscaram isso em Brasília. Mas, por muito tempo, o país foi governado do Rio de Janeiro. E houve altos e baixos. Em 68, com o fechamento do Congresso Nacional, aconteceu um abalo cismático e todos temeram pelo destino de Brasília. E a consolidação da cidade se deu de outras formas. Houve a preocupação de tirá-la das mãos do Estado e passá-la para mãos particulares. Tanto é que as melhores quadras de Brasília são as

primeiras, e não estas que os especuladores estão construindo hoje. Mas não nego que a ditadura se interessou pelo símbolo internacional representado por Brasília.

Quando ao fato de Niemeyer desfilarem estandartes de contestação ao regime e, por atavismo, formação pequeno-burguesa - não se pode negar que ele é extremamente individualista - não recusar oportunidades de trabalho, só posso dizer que não podemos nos esquecer que ele é um profissional da Arquitetura. Quem de nós recusaria estas propostas de trabalho?

OS MITOS

O primeiro expositor do seminário foi Frederico Holanda, professor da UnB e um dos mais contundentes críticos de Brasília. E sua crítica não é leviana. Respalda-se em duas teses, uma de mestrado, defendida em Londres, e outra de doutorado, que será defendida no próximo ano, também na Inglaterra.

Fred usou seu tempo para destruir o que ele chama de "Os 10 mitos de Brasília".

Mito 1

Interiorização do desenvolvimento. Brasília significaria a inauguração do Brasil, o abandono da secular atração pelo litoral (caranguejos).

Fred acha que Brasília não cumpriu com esta função, e pergunta: por uma capital aglutinadora dos vários pontos do país? E responde: o que se vê é mais um capital, um mercado. Mas é a organização da região? O espaço simbólico significa desenvolvimento real? A concentração de indústrias continua a se fazer no eixo Rio-SP. Houve uma interiorização do desenvolvimento ou uma integração à economia do Centro-Sul? E responde: Brasília é o símbolo de um Estado que se pretende acima das classes, acima das regiões.

Mito 2

O espaço monumental do assentamento. Dizem que Brasília foi construída, orientada por ideais nobres. Dai sua monumentalidade. E as culturas que não produzem monumentos são subculturas? Há uma cultura superior ou uma peculiar estrutura social? A História ensina que existem os dois casos. É importante nos termos na natureza das culturas que constroem os "espaços de exceção", pois revelar-se-ia aqui um cisma entre a vida cotidiana e a cerimonial, entre a economia e a política/ideologia, entre as culturas dinâmicas e as estáticas...

Mito 3

As áreas verdes. As cidades sufocavam. Era preciso repensá-las. Então, parte-se de exemplos do século passado, utilizando-se a evidência empírica das condições sanitárias, mas é os outros exemplos históricos? Diz-se



Fred Holanda

Carlos Coutinho

Cláudio Acioly

Gunter Kohlsdorf

que a luz, ar, sol e verde são os elementos básicos do urbanismo brasileiro. Mas, na prática, o que se vê é a reinauguração da morfologia da separação: só o discurso e os artifices são novos. Como explicar que esse verde (400m2 por habitante) permaneça desocupado? Como explicar sua necessidade? E, principalmente, como explicar a forma deste verde, um verde que isola os edifícios, criando para cada um de três fachadas mortas e uma viva? Como explicar as barreiras do espaço aberto? Não, o verde que vemos em Brasília é feito para separar as pessoas, para transformar a cidade num conjunto de espaços que não estão aí para serem apropriados, mas que apenas formam distâncias para serem vencidas. "Nasce desta amplitude de espaços um novo conceito de beleza!". Que conceito é este?

Mito 4

A cidade funcional. "As funções têm seus lugares, por isso asseguram-se melhores condições ambientais para que possam ser exercidas etc", diz o discurso funcionalista. Mas que problemas podem ser apontados no morar num centro urbano? Em dispor de uma oficina mecânica perto de uma residência? Em se sentar na calçada para ver os carros passarem? Em descer do apartamento e tomar uma birita no bar do térreo? Mas não, o que se vê é a obsessão da ordem, do controle centralizado da cidade.

Mito 5

O solo tornado público. Os pilotis, diz o discurso brasileiro, tornam o solo livre para uso de todos. Mas

quem os utiliza? O que são os pilotis senão a eliminação do contato direto com o espaço da vida cotidiana? Trata-se do solo tornado público ou do solo abandonado a um controle que não é mais do próprio habitante (portanto, da sociedade civil), mas sim do Estado? Permeabilidade total é controle total do espaço: a dialética controle local versus controle externo do bairro é eliminada. A população controla agora, exclusivamente, o espaço interior da sua casa.

Mito 6

Habitação coletiva: uma nova morada. "Na habitação coletiva (o apartamento) abandona-se o individualismo burguês (a casa etc)". Será? Olhando a História, vemos que o modelo atual é o ápice de uma longa trajetória. O percurso mostra a eliminação da interação de fundos de quintais, segmentação e especialização, eliminação do contato com a rua, esvaziamento final do espaço coletivo. Um habitat para uma vida coletiva deve ter uma morfologia oposta. Deve-se enfraquecer e não fortalecer a unidade espacial unifamiliar.

Mito 7

O homem "inadaptado". Dizem que Brasília não deu certo porque o homem que a habita provém de outros ambientes, e tem dificuldade de se adaptar a esta nova/revolucionária maneira de ser. Coloca-se, aí, em ideologias e valores, a não-utilização do espaço, como essa se desse apenas pela vontade das pessoas dele se utilizarem, e não de sua própria morfologia. A Praça dos Três Poderes não é uma

praça. Lá não há espaço para o convívio cotidiano. Só para o cerimonial e o excepcional.

Mito 8

A cidade para uma sociedade sem classe. Aí está um ponto carregado de contradições e este é um dos pilares do discurso brasileiro. Dizem que a idéia fracassou por culpa da "estrutura social". Mas: uma cidade administrativa pode ser uma cidade de sociedade sem classes? Como justificar essa separação entre "a cidade dos que mandam" e "a cidade dos que fazem"?

Mito 9

Arquitetura é beleza. A Arquitetura tem uma especificidade. Aí, o discurso estético encobre/evita outras discussões. O que é belo? Precisamos discutir este conceito e saber que classes o determinaram historicamente.

Mito 10

Espaço não é sociedade. Um mito "epistemológico": sociedade são idéias e não objetos. Pessoas que não se situam concretamente nos lugares que habitam, classes sociais que não interagem no espaço. A História mostra que as transformações sociais passam necessariamente pelo marco físico: as grandes transformações urbanas no século passado são mostra disso criam-se condições estáveis para reprodução do modo capitalista de vida.

EM SÍNTESE

Eis o que pensa Fred Holanda: Brasília é um monumento, não o terminal, de

uma evolução clara. E a ponta do iceberg. Muita coisa, mantida a tendência atual, desembocaria na ficção científica. Não pareceriam ficção científica, 200 anos atrás, as formas extremamente rígidas de controle social que hoje presenciamos?

E para ilustrar suas idéias Fred lê trecho de Ignácio Loyola Brandão, H. G. Wells e Clarice Lispector. E amarra com um verso de Fátima Guedes, que diz: "a verdade não rima". "Com relação ao discurso brasileiro, tenho que dizer que a verdade não rima".

DISCORDÂNCIA

Gunter Kohlsdorf e Cláudio Acioly concordam, na maioria dos pontos, com os questionamentos de Fred Holanda. Invocando os princípios da Carta de Atenas, elaborada no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, em 1936, Acioly conclui, angustiado, que "o urbanismo é uma das maneiras mais espetaculares de controlar as pessoas".

Posição diferente dos três integrantes da mesa tem o arquiteto Carlos Coutinho. Mesmo sendo, também, um crítico da retórica brasileira, ele mergulha no processo histórico brasileiro e joga muitas luzes sobre Brasília, que João Evangelista, professor de História da Arte, define como "uma cidade egípcia, barroca, rococó, impressionista, simbolista, cenográfica e fantasmagórica".

Depois da "destruição dos mitos" brasileiros, Coutinho faz questão de dizer que "para compreender Brasília, é necessário entender cidades".

Sob o aspecto objetivo a cidade é a expressão (espacialização) material de processos e relações sociais. Relações entre seres humanos (grupos) e entre seres humanos e meio ambiente. Dentre estas interessam, particularmente, as relações de produção e as relações de poder.

E diz mais: "Há dois tipos de cidades para dois tipos de poder: o econômico e o político, ou um só poder real (de fato) e um poder formal (de conceito)". Do ponto de vista político, Brasília é um produto do liberalismo autocrático de JK. Do ponto de vista intelectual, Brasília é o produto dos ideais teóricos do Modernismo, reprimido pelas forças de produção das cidades e realizado segundo métodos, também, autocráticos. Do ponto de vista social, Brasília começa a ganhar existência e a configurar seus traços atuais só a partir de 1965.

E Coutinho defende uma tese polêmica: **Definitivamente, Brasília não é o tipo de cidade que interessa aos propósitos do capital.**

Como assim Coutinho? Para mim, Brasília é um espaço (concessão) deixado pelo poder econômico ao poder político, para que este erigisse símbolos, certas realizações, que constituem exceção na história brasileira. Cidades como São Paulo, Recife, Nova Iorque, Porto Alegre são processos históricos sedimentados.

Brasília é um processo antagônico. Ela não seria excepcional em países que constroem até 20 cidades por ano, para reassentar suas populações. Na época de sua construção, dois grupos se colocaram: os que se opunham eram, exatamente, os segmentos mais reacionários do país. Os que a defendiam acreditavam em algo novo, com enorme potencial criador. A cidade representou para minha geração um símbolo de esperança. Quem combatia a construção da cidade, dizia que o dinheiro deveria ser gasto na compra de porta-aviões. E os porta-aviões estão aí, carcaças inúteis. Brasília, do ponto de vista social, só agora começa a existir.

Embora reconheça que "não havia harmonia entre as pessoas que pensaram a cidade", Coutinho vê nela uma experiência muito rica.

- Você não acha que hoje Brasília expressa em sua ocupação, em sua distribuição espacial, o interesse do grupo que chegou ao poder em 1964?

Não, não creio nisso. Brasília não é, definitivamente, o tipo de cidade que interessa ao capital. Veja a pressão que os especuladores imobiliários estão fazendo para liberar gabaritos e construir arranha-céus. Brasília não favorece ao crescimento vertical, motivação maior dos especuladores.

E agora, quem pergunta é o próprio Coutinho, depois de afirmar que "não existem cidades democráticas, mas sim sociedades democráticas".

Ouro Preto e Olinda já serviram aos mais cruéis interesses coloniais. Podem ser chamadas de cidades democráticas? Seriam democráticas a Florença dos Médicis? Santiago do Chile, que abriga uma das mais sangrentas ditaduras do continente?

Investigado a esclarecer melhor a idéia de que Brasília não agrada ao capital, Coutinho diz:

O capital imobiliário não se interessa por valores morais. Seu objeto de interesse é a mercadoria imobiliária: o lote, a propriedade privada. Brasília, com seus espaços delimitados, não interessa tanto quanto as cidades mais livres. Vejam que os especuladores imobiliários estão invadindo Taguatinga. Conseguiram liberar os gabaritos para prédios de 14 andares. Taguatinga está eufórica, se sentindo importante pois é a única satélite que tem arranha-céus.

E por fim, ele lembra que não se pode esquecer muitos absurdos cometidos em Brasília, sob o argumento de que se segue a proposta inicial da cidade. A setorização levada a extremo encontra exemplo raro em Planaltina, onde há um "setor de escola". Todas as escolas foram construídas no mesmo local. Isso, me desculpem, é incompetência de colegas nossos. Muitas teses, às vezes, são invalidadas por erros primários. E isso é mandado mesmo, não é erro ideológico.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO